Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH,
Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014 -
ISSN 1983-2850 – Vida e Morte nas Religiões e Religiosidades
http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index

A morte nas artes

Salma Ferraz[1]

Resumo: O presente artigo trata da morte na teologia, na mitologia, entre os intelectuais, na arte tumular, na fotografia *post mortem*, na poesia e na literatura.
Palavras-chave: Teologia, Morte, Religiosidade, Artes, Literatura**.**

Death in the arts

Abstract: This article deals with the death in theology, mythology, among intellectuals in tomb art, post mortem photography, poetry and literature.
Keywords: Theology, Death, Religiosity, Arts, Literature.

Recebido em 17/12/2013 - Aprovado em 15/01/2013

"Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?"
I Coríntios 15.55-57

Parece que tem sido esta a pergunta que permeia a Literatura, a Teologia, a Filosofia no Ocidente e no restante do mundo. Acrescentamos uma provocação ao texto do Apóstolo Paulo: haveriam deuses se nós humanos fôssemos imortais? Conseguiríamos entrever, mesmo que por um único instante, aquilo que o teólogo protestante Rudolf Otto cunhou *mysterium tremendum?*

Não é nosso objetivo neste artigo historicizar a morte no Ocidente ou Oriente em suas diversas manifestações religiosas, folclóricas e animistas. Indicamos algumas leituras básicas para essa temática e, obviamente, as de nossa preferência: *História da morte do Ocidente* (2003), de Philippe Ariès; *Ensaio sobre a morte Mortalis* (1997), de Carlos Alberto Pessoa; *Morrer para principiantes e repetentes – ensaios* (2008) e *Iluminando o Morrer* (2007), do monge beneditino Júlio de Queiroz; e alguns artigos constantes na bibliografia final que versam sobre o Testamento Vital, aprovado pelo Conselho Federal de Medicina, em 2012.

Júlio de Queiroz, escritor catarinense, monge beneditino, doutor em mística medieval e especialista e Tanatologia, possui duas obras publicadas sobre a questão da morte, já citadas aqui anteriormente. Para ele, morrer é um subprocesso do viver e a

[1] É Professora Associada de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV). Atua na Pós Graduação com a linha de Pesquisa *Teopoética – Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura*. Cursou dois Pós Doutoramento na UFMG na área de Teologia e Literatura. Cursa Teologia na FACASC. É autora de diversos livros de teoria e ficção. Florianópolis, Brasil, 2013. Email: salmaferraz@gmail.com.

morte é um subprocesso do morrer. Apesar da naturalidade desses processos, por que nós, humanos, tememos tanto a morte? Talvez porque fomos criados no Ocidente cristão, no qual a ideia de um juiz severo e de um julgamento *post-mortem* é algo sempre presente e assustador.

A religião e ciências procuram responder a duas grandes questões: quem sou eu (de onde vim)? Para onde vou? Mas o medo da morte alimenta as religiões e todas as psiques. A morte é o grande desconhecido, por isso nosso medo atávico dela. Nada é mais desconhecido do que estar morto! E é este desconhecido que a ciência combate e do qual as religiões vivem e se alimentam. Como garantir que os mortos não voltem? Para isso existem os funerais, os rituais, as oferendas, as flores, orações e missas em todas as culturas.

No jargão médico evita-se usar o termo morte/morrer, preferem o termo "entrou em óbito". O médico *perde o paciente*! O discurso de quem encomenda o morto é constrangedor. Como revistir/travestir o nada de tudo? No ocidente morre-se muito mal, uma vez que as pessoas não estão preparadas para a única certeza que temos diante de nós: a morte. Os místicos sim sabiam morrer docemente. Como sobre o "morrer" a ciência tem a pretensão de saber quase tudo, a religião silenciou, abdicando de dogmatizar sobre esse subprocesso. E como a ciência silencia sobre a "morte", a religião apressa-se a declarar sobre ela saber tudo.

1. Mitologia e morte

Existem mitos relativos à morte nas mais diversas culturas que já existiram sobre a face da terra, mais especificamente, nos interessam três mitos gregos, base de nossa civilização ocidental: Caronte, As Moiras/Parcas e Thanatos.

1.1 Caronte

Figura 1 - Interpretação do século XIX da travessia de Caronte, por Alexander Litovchenko. Disponível em http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6b/Lytovchenko_Olexandr_Kharon.jpg. Acesso em 15/04/2014

Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro do Hades, que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas dos rios Estige e Aqueronte. Estes rios dividiam o mundo

dos vivos do mundo dos mortos. Uma moeda para pagá-lo pelo trajeto, geralmente um óbolo ou danake, era por vezes colocado dentro ou sobre a boca dos cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga.

1.2 As Moiras – as Parcas

Figura 2 - As Moiras, com o fio da vida. Alegoria, por Strudwick (1885). Disponível em http://1.bp.blogspot.com/_Nu9eTOaOVvg/SYLdqfiDLnI/AAAAAAAABTc/3H39VUe7IJ8/s400/moiras.jpg Acesso em 15/04/2014

Na mitologia grega, as Moiras eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Eram três mulheres lúgubres, responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Cloto, em grego significa "fiar", segurava o fuso e tecia o fio da vida. Junto de Ilítia, Ártemis e Hécata, Cloto atuava como deusa dos nascimentos e partos. Láquesis, em grego significa "sortear" puxava e enrolava o fio tecido. Láquesis atuava junto com Tique, Pluto, Moros e outros, sorteando o quinhão de atribuições que se ganhava em vida. Átropos, em grego significa "afastar", ela cortava o fio da vida. Átropos juntamente a Thanatos, Queres e Moros, determinava o fim da vida.

1.3 Thanatos

Thanatos é filho, sem pai, de Nix, a noite, filha do Caos; ou, segundo outras versões, filho de Nix e Érebo, a noite eterna do Hades. Thanatos é a personificação da morte, enquanto Hípnos é a personificação do sono. Os irmãos gêmeos habitavam os Campos Elíseos (País de Hades, o lugar do mundo subterrâneo).

2. Os intelectuais e a morte

Em qualquer dicionário sério no qual se procure o verbete morte, encontraremos dezenas de frases e pensadores de todas as épocas. Abaixo uma pequena amostragem.

> Para quê preocuparmo-nos com a morte? A vida tem tantos problemas que temos de resolver primeiro.
>
> Confúcio

Temos a arte para não morrer da verdade.
Nietzsche

A vida é como uma sala de espetáculos; entra-se, vê-se e sai-se.
Pitágoras

Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte.
Freud

Não é difícil morrer nesta vida: / Viver é muito mais difícil.
Vladimir Maiakósvki

O homem não tem poder sobre nada enquanto tem medo da morte. E quem não tem medo da morte possui tudo.
Leon Tolstoi

Se a morte fosse um bem, os deuses não seriam imortais.
Safo

A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais.
Epicuro.

Quando eu estou aqui a morte não está, quando ela estiver, eu não mais estarei.
Readaptação da frase de Epicuro.

O medo do depois do morrer – ou seja, do estado que se segue ao morrer – é o verdadeiro pai dos júpiters, dos brahmas e dos jeovás.
Julio de Queiroz

Pensar a morte é próprio dos grandes cérebros e também dos cérebros humildes, das frases do adágio popular e frases de caminhão. A cultura popular é muito expressiva no repertório de frases sobre a morte.

Foi comer capim pela raiz.
Vestiu o paletó de madeira.
Partiu dessa para a melhor.
Foi sentar no colo de Capeta.
Ir para o beleléu.
Bater as botas.
Ir para a cidade dos pés juntos.
Espichou a canela.
Desencarnar.
Passar desta para melhor.
Empacotar.
Fechar os olhos para sempre.
Virar presunto.
Virar comida de minhoca.

Como se vê, a cultura popular brasileira possui um repertório irônico, mesmo ao tratar de um tema tão sério quanto a morte. Na literatura brasileira não podemos nos

esquecer da memorável dedicatória irônica e cáustica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, de 1881.

Ao verme
que
primeiro roeu as frias carnes
do meu cadáver
dedico
como saudosa lembrança
estas
Memórias Póstumas.

Só este livro daria uma tese se analisasse uma questão da temática da morte em seu enredo. Em *Memórias Póstumas*, tudo leva em direção à decadência, ao fim e à morte e o último capítulo do livro é um capítulo intitulado *Das Negativas.*

Na poesia, não poderíamos deixar de citar um poema do brasileiro Manuel Bandeira (1986 – 1968) e outro do português Fernando Pessoa (1888 – 1935).

Consoada
Manuel Bandeira

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

Quando Vier a Primavera
Fernando Pessoa
Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.

Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

O ser humano não pode nada contra ela: *quando a indesejada das gentes chegar, o que for, quando for, é que será o que é*. Mas só Bandeira e Pessoa podem dizê-lo de uma forma estoicamente bela.

3. A arte tumular

A arte tumular é um tipo de arte feita sobre/ao lado ou no caixão para permanecer nos cemitérios e igrejas. Alcançou seu apogeu nos séculos XVIII e XIX, tendo entrado em decadência com o surgimento dos cemitérios-jardins. A arte tumular hoje é praticamente impensável com o surgimento dos crematórios, por falta de espaço para a construção de novas necrópoles. São exemplos desse tipo de arte o *Cemitério de Père-Lachaise*, em Paris e *Cemitério da Recoleta,* em Buenos Aires. A imagem pode ser simbólica ou literal, mas remete a algo importante na vida da pessoa. Escolhemos quatro imagens de túmulos que se destacam não só pela sua beleza, mas também pelas histórias trágicas que representam.

3.1 A Pietá eterna

Figura 3 - Arte Sacra. No Cemitério da Recoleta. Mãe Filho. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/_YtdcXGr6Y6g/S9kSR2EX7ZI/AAAAAAAAdcw/HZDkMdRUCvE/s1600/2010-04-05-15h34m45.jpg. Acesso em 15/04/2014.

A imagem acima, de um túmulo de Cemitério da Recoleta, é sublime, simbólica e metafórica. Praticamente uma escultura narrativa. A mãe continua unida ao seu filho, protegendo-o, aconchegando-o mesmo depois de ambos estarem mortos. Se a vida tirou o convívio de uma mãe amorosa e seu filho amado, a escultura mostra que esse carinho ultrapassou a vida e continua *post mortem*.

3.2 O último adeus

Figura 4 - Último Adeus. Túmulo da Família Cantarella. Escultura do português Alfredo Oliani. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 15/04/2014.

O túmulo acima é um dos mais conhecidos e famosos de São Paulo e foi esculpido por Alfredo Orliani[2] (1852-1909), escultor e pintor de origem italiana. Poderíamos fazer nossa análise deste monumento ao amor e à sexualidade, que ultrapassa a própria morte, mas alguém já o fez e brilhantemente. Citar é preciso:

> Aquele Beijo já deu o que falar. O conjunto escultórico *Ultimo Adeus*, de Alfredo Oliani, no Cemitério São Paulo, é a mais comentada obra de arte cemiterial da cidade de São Paulo. Muitos a consideram uma proclamação de **erotismo estético**, até mesmo uma ousadia profunda a indevida na arte funerária paulistana [...] Ali é o túmulo de Antônio Cantarella, falecido nas antevésperas do Natal de 1942, com 65 anos de idade, e de sua esposa, Maria Cantarella, dez anos mais moça. Ela faleceria muitos anos depois do marido, em 1982. Os dizeres inscritos na pedra do túmulo,

[2] Alfredo Oliani, filho de italianos, nascido em São Paulo, em 1906, e aqui falecido em 1988, tinha como características de suas obras, várias das quais localizadas ali no Cemitério São Paulo, a sensualidade e a beleza femininas e o nu, como neste conjunto do sepulcro dos Cantarella. Estudara aqui mesmo, na Academia de Belas-Artes de São Paulo, com Nicola Rollo, que também deixou nos cemitérios paulistanos obras emblemáticas, como Orfeu e Eurídice, no Cemitério da Consolação, a celebração da imortalidade do amor do casal mítico. Foi aluno, ainda, de Amadeu Zani, autor do Monumento á Fundação de São Paulo, no Pátio do Colégio, e do conjunto escultórico em memória de Giuseppe Verdi, no Vale do Anhangabaú. Na Itália, na Academia de Belas-Artes de Florença, estudou com Giuseppe Grazziosi, fotógrafo, pintor e escultor, que recebera influências de Rodin.

> quando seu falecimento, informaram que "aqui repousa Maria Cantarella ao lado de seu inseparável e amado esposo...". Quando da morte do marido, mandara ela própria esculpir na pedra fria estas palavras calorosas e apaixonadas: "Ó Nino, meu esposo, meu guia e motivo eterno de minha saudade e de meu pranto. Tributo de Maria". É como se ela fizesse questão de apresentar aos passantes anônimos o homem de sua vida, apresentado-se a si mesma assim tão exposta na imortalidade de seu amor. Os dois escritores vão muito além da maioria dos textos em memória dos mortos de nossos cemitérios. Especialmente o da própria Maria, uma intensa e direta palavra de amor, uma recusa em reconhecer o tenebroso abismo da morte. [...] A escultura de Oliani é sem duvida uma das nossas mais finas e mais belas **representações da dor da separação, porque a nega na intensidade carnal do encontro entre um homem e uma mulher**. O motivo principal do conjunto escultórico de Oliani é uma **comovente expressão do sentindo do amor na vida dos dois**. Um homem atlético, nu, reclina-se apaixonadamente sobre o corpo de uma mulher jovem e bela para beijá-la. Ela está morta. A esposa, sobrevivente do casal, pede ao artista uma escultura que celebre abertamente o sentimento profundo de sua união com o marido, reconhecendo-ainda vivo em sua vida, depois dele morto, e ela própria morta sem a companhia dele. Não reluta na confissão de sua paixão. De fato, há um expressivo **componente erótico nesse monumento funerário**. Muito mais expressivo, porém, porque está contido numa relação invertida: a viúva declara-se morta e declara o marido de seu imaginário conjugal ainda vivo e no seu pleno vigor de homem. **A extraordinária beleza do túmulo do casal Cantarella esta na eloquência recusa da anulação do corpo e da sexualidade pela morte**, na eloquente declaração de amor sem disfarce, de Maria por Antônio, o Nino. [...] Antônio Cantarella veio da Itália já casado com Maria. O amor dos dois é lendário na família. Antônio imigrou rico e se estabeleceu em São Paulo como comerciante e proprietário. Se deixou bens, não sei. Ele e Maria deixaram mais que isso, a lenda de sua paixão sobrepondo-se à própria morte. (MARTINS, 2006, negrito nosso)

Não há um romântico na face da terra, principalmente se for mulher, que não se comova com tal demonstração de amor que supera a própria morte. Não ao amor espiritual ou platônico, com anjinhos inocentes, mas a viúva escolheu retratar o amor do casal na forma um amor na sacralidade de um ato sexual, na beleza extremada de corpos inebriados pelo prazer.

3.3 Belo e bela adormecida

Figura 5 - Asleep. Cemitério Mount Macedon, Victoria – Austrália, autoria de Peter Shipperheyn. Disponível em http://networkedblogs.com/F49XH. Acesso em 15/04/2014

Esta maravilhosa escultura está localizada no Cemitério Mount Macedon, Victoria – Austrália. Chama- se *Asleep* e é uma obra de Peter Shipperheyn em homenagem ao seu amigo Laurence Matheson. Quando Laurence morreu, a viúva desolada encomendou ao artista esta figura para colocar sobre o seu túmulo, como expressão de amor eterno. A mulher se coloca como uma Bela Adormecida sobre o túmulo do seu belo príncipe adormecido, ou seja: durmo enquanto aguardo a tua ressurreição, o teu beijo. Para a viúva não havia mais vida, ela estava encantada à espera do despertar do dia do juízo. O componente erótico está presente porque ela espera pelo príncipe, não em um vestido de conto de fadas, mas nua.

3.4 O italiano e a *femme fatale: Interrogação?*

Figura 6 - Interrogação. Arte Tumular, Túmulo de Moacir Pisa, autoria de Francisco Leopoldo e Silva, Cemitério da Consolação. Disponível em http://www.sandrofortunato.com.br/salgo/2010/10/30/sexo-amor-e-morte/. Acesso em 15/04/2014.

A escultura acima se chama *Interrogação*, de autoria de Francisco Leopoldo e Silva (1879-1948). Esta escultura e o que ela representa, remete a um dos mais conhecidos e

conturbados casos de amor da sociedade paulistana da época e a explicação em todas as suas nuances não cabem neste artigo[3]. Uma família italiana tradicional de São Paulo resolve assumir que um descendente seu, Moacir Pizza (1891-1923), apaixonara-se por uma cortesã. Pizza era um homem instruído: advogado, delegado de polícia, escritor bem relacionado, amigo de poetas como Juó Bananére[4]. Ele se apaixonou por uma prostituta, Nenê Romano, pseudônimo de Romilda Machiaverni. Romilda era descendente de italianos de família pobre, que utilizou sua beleza para subir na vida, transformando-se em uma cortesã, com clientes importantes como Washington Luís e outros mais. Pizza se apaixona por Nenê Romano, os dois têm um caso. Depois de um tempo ela resolve terminar o romance, cansada dos ciúmes excessivos dele. O romance tem o seu desfecho fatal em 25 de outubro de 1923 quando ele a convida para um passeio de táxi e dispara três tiros contra ela, matando-se em seguida. A família dele encomenda essa escultura para colocar em seu túmulo. Narrar essa história trágica e ostentar em forma de arte tumular, quando todos os membros daquela sociedade paulistana esconderiam o envolvimento de um rico herdeiro com uma meretriz odiada pela sociedade paulistana/feminina não é nada convencional.

Como a escultura se chama *Interrogação*, nós também ficamos com interrogação: é uma homenagem ao amor de um homem rico por uma linda cortesã ou é uma crítica para dizer que essa cortesã foi a responsável pela perdição de um homem que tinha um futuro promissor? Independentemente da resposta, os Pizza estavam muito adiante do seu tempo, não tiveram vergonha de narrar um verdadeiro amor, mesmo que de perdição.

Figura 7 - Pizza e Nêne Romano. Disponível em http://sampahistorica.files.wordpress.com/2013/08/1923-nene-romano-saudade-sampa.jpg. Acesso em 15/04/2014.

[3] Para maiores detalhes, consultar http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-70/anais-do-crime/uma-paixao-de-outrora. Consultado em 11/12/2013.

[4] Pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, como o qual Moacir Pizza escreveu um livro **Galabáro: Libro di Saniamento Suciali**/*Calabar* em parceria.

3.5 Só a religião os separa

Figura 8 - Arte Tumular. Mãos entrelaçadas. Holanda, Roermont. Disponível em http://pensarenlouquece.com/historia-dois-tumulos-maos-entrelacadas/. Acesso em 15/04/2014

O túmulo acima pertence ao século XVII e está localizado na Holanda, na cidade de Roermont. O túmulo remete ao ano de 1842. Uma mulher católica e nobre casa-se com um marido plebeu, coronel da cavalaria e protestante. Mesmo pertencendo à mesma religião cristã, os dois foram enterrados na divisa de um cemitério protestante e católico. O casal mandou construir um túmulo de tal forma que permaneçam unidos por cima do muro, literal e metafórico, que separam os dois. Esse túmulo ficou conhecido como o túmulo da mãozinha. O que a morte não separou, a religião o conseguiu.

4. Os caixões de Gana

Em Gana, país da Costa Ocidental da África, há um costume que para um cristão poderia parecer um pouco estranho. Os artesões de caixão fazem um levantamento para construir a segunda casa do morto com todo o capricho. A sua segunda casa deve lembrar algo de sua vida, uma espécie de selo, algo que sele a sua primeira existência. Por isso, fazem caixões em formato de sapato, martelo, Bíblia, peixes e tudo mais que a rica imaginação africana pode conceber.

Figura 9 - Sapato e Bíblia Sagrada. Disponível em http://4.bp.blogspot.com/_HmgUzfSmpN0/STAjO5OOFzI/AAAAAAAASOI/29ks81mVKIE/s400/caixoes_inusitados_a.jpg. Consultado em 14/04/2014.

Se observarmos as imagens não são feitas de forma aleatória, o detalhe é importante. O sapateiro quis um sapato de couro presponteado. O cristão não quis qualquer Bíblia, mas a versão *King James Version*, primeira versão em inglês da Bíblia publicada em 1611, por ordem do Rei Jaime I. É o livro mais publicado em toda a literatura inglesa.

5. Fotos Post Mortem

Para a nossa época, acostumada com o enaltecimento da beleza, da magreza, da juventude, das plásticas, dos corpos definidos, barrigas tanquinho e do abdômen zero, é muito difícil imaginar que em outra, houve um verdadeiro culto, em forma de fotos chamadas *Post Mortem*:

> As fotos *Post Mortem* aparentemente tiveram origem na Inglaterra, quando a Rainha Victoria pediu que fotografassem um cadáver de uma pessoa conhecida, ou um parente, para que ela guardasse como recordação.
> A partir desse momento, o "costume" lentamente se espalhou por diversas partes do mundo, sendo que várias famílias passaram a

> fazer a mesma coisa, **guardando para si uma mórbida recordação do ente querido que havia partido. Até os dias de hoje, por mais estranho que se possa parecer, em alguns lugares ainda se tem esse costume. Durante o século XIX, o ato de fotografar os falecidos era bem mais comum, parecendo nos dias de hoje algo "mórbido" e sem sentido, mas naquele tempo se tornou um costume natural.**[5]

Seguem abaixo exemplos de fotos *Pós Mortem*:

Figura 10 - Fotos Pós Mortem. Mãe e filhos, disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Acesso em 15/04/2014

[5] http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Consultado em 11/12/2013, negrito nosso.

Figura 11 - Amigas no enterro. Fotos Pós Mortem. Disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Acesso em 15/04/2014

A foto acima e um clássico exemplo de foto *Post Mortem,* foi tirada na Vila de São João Velho, ao lado do município de São João Novo - S.P. - Brasil. A data é dos anos 1930, com comentários explicativos: Julieta Bosco e Idalina Tozzi em um enterro.

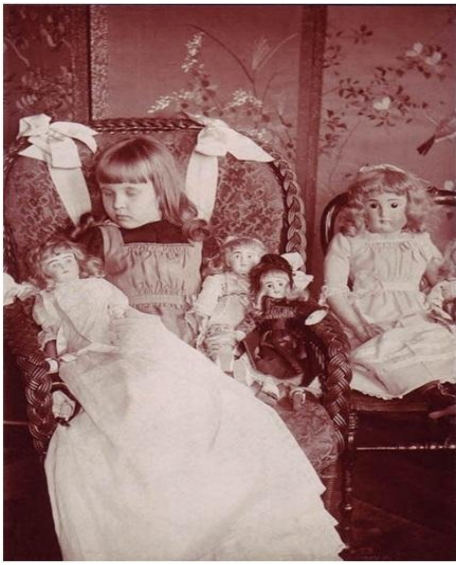

Figura 12 - Garotinha morta pousando com suas bonecas. Disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Acesso em 15/04/2014

Figura 13 - A viva e a morta. Quem está morta na foto acima é a moça que está em pé. Disponível em, disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Consultado em 15/04;2014

Figura 14 - A vida plenamente vivida. Disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html. Consultado em 15/04/2014

Temos que levar em consideração que a fotografia era algo caro e raro naquela época, diferente de que hoje que, além de milhares de máquinas fotográficas com preços acessíveis, quase todo mundo tem uma máquina fotográfica embutida no seu celular ou Tablet. Só se fotografava em três ocasiões: nascimento, casamento e morte. Mas não são só crianças mortas precocemente, com a vida toda a ser vivida (fotos 14 e 15), mas pessoas que tiveram uma vida plenamente vivida no auge da sua velhice também eram fotografadas (foto 17). Portanto, as fotos são uma forma de dar memória a quem não as teve e de reforçar a memória de quem as teve.

6. **A morte drasticamente vivida e pintada**

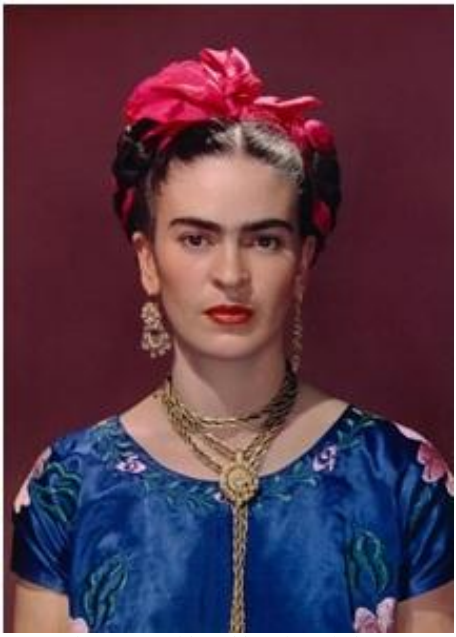

Figura 15 - Frida Kahlo. Disponível em
https://www.google.com.br/search?q=frida+Kahlo,+imagens&newwindow. Acesso em 14/04/2014.

Ao pensarmos num pintor (a) que melhor retratou a morte e que tivesse uma enorme intimidade com ela, só nos surge um nome: a pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954). A biografia de Frida Kahlo é por si própria um romance trágico. Na impossibilidade de apontar todas as nuances, indicamos as obras: *O Segredo de Frida Kahlo* de Francisco Haghenbeck (2011), *Frida Kahlo* de Rauda Jamis (1987), *Frida Kahlo* de Carmen Leñero (2004) e *Frida Kahlo en su luz más íntima* de Raquel Tibel 2002).

Frida nasceu na Cidade do México, em 1907, filha pai de luterano alemão e mãe católica de origem indígena espanhola. Frida era a terceira filha do casal. Em 1913, contraiu poliomielite, a primeira de uma série de doenças, acidentes, lesões e operações que marcariam tragicamente a sua vida. Em 1925, aos 18 anos, sofre um grave acidente, quando o bonde em que viajava choca-se com um trem. Ferros de um dos veículos atravessam suas costas, sua pélvis e seu órgão sexual, causando grande hemorragia. Passa meses no hospital tentando reconstruir as partes afetadas no seu corpo e a partir daí é obrigada a usar coletes ortopédicos. Durante a época da convalescença começa a pintar. Em 1928, entra para o partido comunista mexicano e conhece o muralista Diego Rivera, casando-se com este em 1929. Foi amiga de Leon Trotski e André Breton. O casamento

com Diego Rivera talvez tenha sido o pior acidente de toda a sua vida: traições e mais traições. Idas e vindas. Diego teve várias amantes, incluindo a própria irmã de Frida, com a qual teve seis filhos. Ela nunca teve filhos, mas teve abortos. O sofrimento foi tanto que tentou suicídio várias vezes, com diversos objetos. Tentou fixar na sua arte o folclore popular mexicano.

A morte é um dos temas centrais da sua pintura, algo que ela retirou do folclore popular, mas principalmente de seu dilema diário com *a indesejada das gentes*, que por várias vezes mandou avisos claros, jogando sobre ela a sua foice. Frida por diversas vezes desviou-se com bravura da foice e por outras, nos momentos de desespero, fazia a foice baixar na sua cabeça por meio das tentativas de suicídio.

6.1 Santa Morte – México

Figura 16 - *Santa Muerte* no México. Disponível em http://www.alemdaimaginacao.com/Fotos%20do%20Alem/fotos_post_mortem.html; Acesso em 14/04/2014.

Conhecida como *Santa Muerte*, *Senhora da Noite ou Senhora das Sombras*, a morte é cultuada quase que fisicamente no México. O *Día de Los Muertos* é comemorado com um festival em 2 de novembro. Pesquisando em sites na internet, encontraremos a seguinte descrição:

> Trata-se provavelmente um sincretismo entre crenças católicas e mesoamericanas. A cultura mexicana mantém desde a era pré-colombiana uma certa reverência em relação à morte, manifestada em celebrações sincréticas como o Dia do Mortos. Entre os elementos católicos da celebração **está o uso de esqueletos para lembrar as pessoas de sua mortalidade**.
> A Santa Muerte geralmente aparece como uma figura esquelética, vestida com um longo manto e carregando um ou mais objetos, normalmente uma gadanha e um globo. O manto costuma ser branco, mas representações da figura variam significantemente de pessoa a pessoa de acordo com o pedido do devoto ou do ritual a ser apresentado. Como o culto a Santa Muerte era clandestino até recentemente, a maioria das preces e outros rituais eram feitos de forma privada, em casa. Entretanto, nos últimos dez anos, a veneração tornou-se mais pública, especialmente na Cidade do México. O culto é condenado pela Igreja Católica no país, mas está firmemente entranhado nas tradições das classes baixas e marginalizadas do México. O número de fiéis da Santa Muerte cresceu nos últimos vinte anos, chegando a aproximadamente dois milhões de seguidores, além de atravessar fronteiras, alcançando as comunidades mexicanas dos Estados Unidos[6].

Em entrevista concedida no ano de 2013, o Vaticano, por meio do Cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício de Cultura do Vaticano, afirmou que o culto a Santa Muerte é uma *degenaração da religião*. Segundo ele, "A religião celebra a vida, mas aqui você tem a morte". (VEJA 09/05/2013)

Como constatamos acima, a Igreja Católica entende o culto à *Santa Muerte* como um culto que glorifica a morte e não a vida. Esquece-se o Cardeal que o cristianismo, imagético por excelência, construiu sua força a partir do corpo de um morto, de uma forma horrendamente dolorosa: Jesus Cristo, o Crucificado. São raros os pintores que nos dois milênios do cristianismo, retrataram Jesus Cristo maravilhoso em seu estado de glorificação *post mortem*, ressurreto, belo, com o corpo transluzindo perfeição. A imagem central do cristianismo é a imagem de um morto agonizante na cruz. Que o digam Mel Gibson em seu mega e ultra sucesso *A Paixão de Cristo* (2004), filme que só falta jorrar sangue das telas.

[6] http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Muerte Consultado em 16/12/2013. (negrito nosso)

Figura 17 - A Paixão de Cristo. Direção Mel Gibson, 2004. Disponível em https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSmPubl9ARUuEW28JTmn7REbB96Z3klRHcpGl_IhTsoa8v32OydxQ. Consultado em 15/04/2014.

Comprova nossas afirmações a imagem venerada na Procissão do Senhor dos Passos em Santa Catarina, tradição herdada dos portugueses e comum em várias partes do Brasil.

Figura 18 - Procissão do Senhor dos Passos. Disponível em https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTgNK87AUDJ024Ol1k12TvBEPzCbEKXiU-FTLrzf-WkXsnm8Y_i. Acesso em 14/04/2014.

Observe que esta imagem do Cristo na procissão está bem próxima da imagem e do culto da *Santa Muerte*, no México. Esquece-se também o cardeal dos milhares de corpos santos que não entraram em decomposição/ incorruptos e são cultuados pela Igreja Católica, como a francesa Santa Maria Bernadete.

6.2 Frida Kahlo: selada pela morte

Marcada pelo culto à morte das tradições mexicanas e tendo um embate diário com a mesma, Frida vai fazer desse tema o principal de sua obra. Difícil nos foi selecionar duas pinturas entre as dezenas que tratam da morte, mas escolhemos as telas *The Dream* (1940), *The Last Supper* e *Thinking About Death*.

Figura 19 - *The dream*, 1940, Frida Kalho. Disponível em bstracaocoletiva.com.br/2013/01/30/expressionismo-a-tematica-expressionista. Acesso em 14/04/2014

Sobre o quadro *The dream/O sonho*, pintado em 1940, também conhecido como *A cama*, temos a seguinte análise:

> En esta pintura, así como en otras, se revela la preocupación de Frida con la muerte. En la vida real, Frida tenía un esqueleto de papier-mache (Judas) en el dosel de su cama. Diego lo llamaba "el amante de Frida", pero Frida dijo que pare ella era solo un divertido recordatorio de su mortalidad. Ambos Frida y el esqueleto están en la cama con dos almohadas cada uno bajo sus cabeza. Mientras que Frida duerme, el esqueleto está despierto y vigilante. La cama parece elevarse hacia las nubes y las enredaderas bordadas en su cobertor parecen cobrar vida y empiezan a enredarse con su cuerpo. Las raíces al pie de la cama parecen haber sido arrancadas del suelo. El cuerpo del esqueleto esta enredado con alambres y explosivos que en cualquier momento pueden explotar…convirtiendo el sueño de muerte de Frida en una dura realidad. En este cuadro y en otros, Frida usa el tema de Vida/Muerte… las plantas representan el renacimiento de la vida y el esqueleto representa la muerte.[7]

[7] http://www.fridakahlofans.com/c0352.html

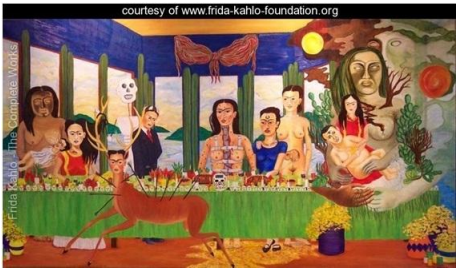

Figura 20 - The Last Supper (la ultima cena), Frida Kalho. Disponível em http://www.b360insider.com.br/tag/frida-kahlo/. Acesso em 14/04/2014.

Neste quadro de Frida Kalho, temos a predominância das cores fortes, como vermelho, verde, azul, amarelo, lembrando mais o expressionismo que surrealismo. As mulheres aparecem com os seios de fora, símbolo de maternidade perdida: do lado esquedo uma mulher aparece amamentando, a própria pintora, e um dos seios parece chorar. Do lado direito a própria Frida carrega no regaço Diego Riveira, a qual dedica também o amor filial, já que não pode ter filhos. Os dois estão no regaço de um terceira mulher, cujo seio também chora. Aqui todas as formas corporais lembram Frida. Não há apóstolos, só Fridas cujas expressões revelam que esta ceia é um ceia de dores. Ela se multiplica para mostrar que uma mulher só não dá conta de tantos sofrimentos. A Frida que está no lugar de Jesus tem o corpo cravejado de pregos. Seu martírio, já na última ceia, está completo, não há necessidade de ir até o calvário. Sua vida foi um calvário e ela dispensa esta última parte de seu tormento. A sua cruz é formada pelo aparelho ortopédico que sustenta sua coluna. A caveira, simbolizando a morte, segura uma Frida vestida de homem, eis aí o peso da morte que se aproxima. Outra caveira está à frente de Frida/Messias. Ao longo da mesa, podemos observar dezenas de caveiras menores. À frente um veado-mulher, cravado de flexas, que aparece sozinho em outros quadros da pintora como o chamado *Veado Ferido.* O bode-expiatório agora é um veado com rosto de mulher. Muitas árvores que lembram um cacto corroboram a acidez deste quadro. Sofrer é preciso, viver não é preciso. Nesta ceia que não é santa, é só e unicamente composta por muitas dores, Frida está revelando que não somente Jesus sofreu. Ela sofreu tanto que deixou escrito em suas cartas: "espero alegremente a partida. Pretendo nunca mais voltar." *Consummatum est!*

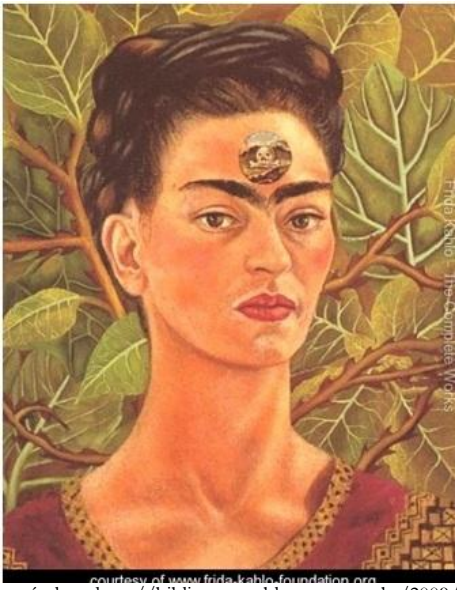

Figura 21 -Frida Kalho. Disponível em http://bibliotecaets.blogspot.com.br/2009/07/frida-kahlo-55-anos-de-sua-morte.html. Acesso em 14/04/2014.

No quadro acima a própria pintora assume a sua paixão e perplexidade perante a morte aqui representada com uma espécie de selo em forma de caveira na testa da pintora. Isso pode significar duas coisas: ela pensa na caveira, na morte ou ela está selada para morrer.

Quando finalmente termina a sua luta com a morte e Frida se rende, anota em seu diário: *Espero que minha partida seja feliz, e espero nunca mais regressar.*

7. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: O evangelho de mortos

A morte sempre foi a temática preferida por autores de todos os tempos e de todas as épocas. A começar pela própria Bíblia, especificamente, o Velho Testamento, que é um livro onde se mata e onde se morre muito. Dante Alighieri (1265-1321) escreveu sua monumental obra *A Divina Comédia*, na qual retrata com riquíssima imagética e mitologia o paraíso, o purgatório e o inferno com seus nove círculos. Falar sobre Dante Alighieri em um artigo é muito temeroso porque não se pode falar panoramicamente do vate italiano. Pensamos n'*A Divina Comédia* como uma obra em que os personagens já estão mortos e devidamente catalogados em seus respectivos círculos, quer seja no purgatório ou no inferno.

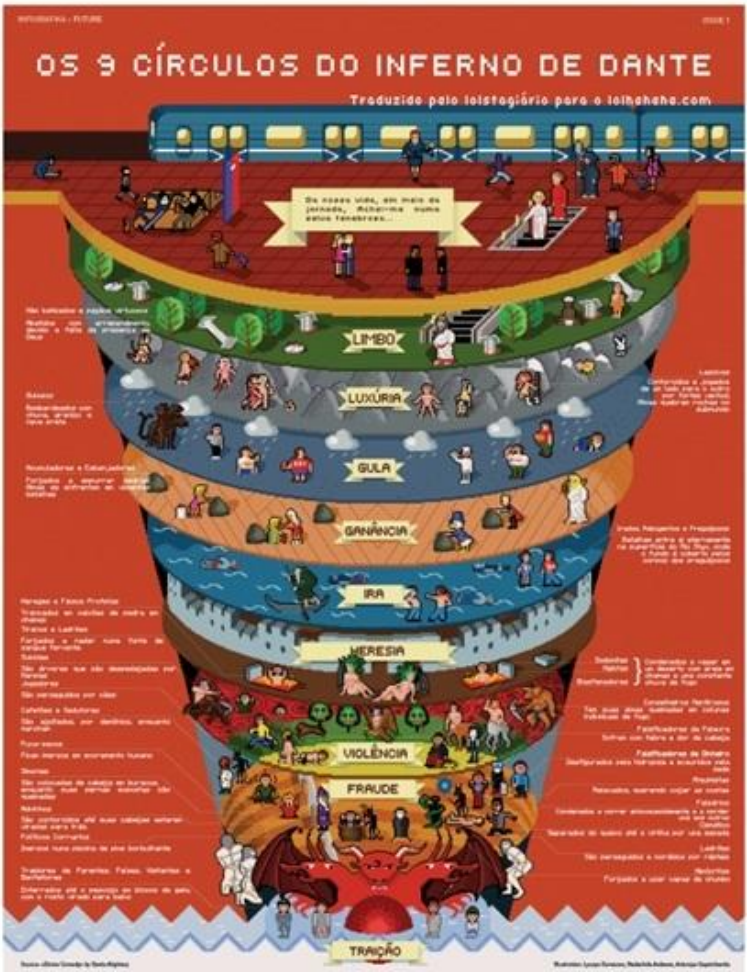

Figura 22 - Os 9 Inferno de Dante . Disponível em http://www.infografico.org/os-9-circulos-do-inferno-de-dante-alighieri. Acesso em 14/04/2014

Mas nesse artigo estamos priorizando a morte em detrimentos dos mortos. E sobre a morte e sua relação como a Teologia, ninguém na atualidade escreveu mais na literatura do que José Saramago (1922-2010), prêmio Nobel de Literatura de 1991.

7.1 Dicionário de Mortos: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991)*

No *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago resgata alguns personagens rejeitados pela Teologia Católica: Lúcifer/Pastor e Madalena. Também parece ter uma certa antipatia por Maria e José enquanto seu Jesus é *demasiadamente humano* e como humano deseja morrer. Para análise mais detalhada desse desevangelho remetemos o leitor à nossa obra *As faces de Deus na obra de um ateu* (FERRAZ, 2012). O livro todo tem o cheiro da morte: a morte dos inocentes de Belém, a morte de José, crucificado, a morte de centenas de ovelhas, cujo sangue esguicha nos altares de sacrifício, a morte de Judas, o galileu.

Lúcifer/Pastor se mostra revoltado com o sacrifício de ovelhas, porque elas prefiguram o sacrifício de Jesus. Por isso, ensina a Jesus que não sacrifique a Deus nenhuma ovelha. Jesus falha e acaba sacrificando o cordeiro inocente, assinando assim a sua própria sentença de morte. Levando o pastor a pronunciar: *Não aprendeste nada, vai* (1991, p. 264).

O momento central do enredo ocorre na barca, que está no deserto do mar, quando se encontram Deus, Pastor e Jesus. Jesus exige que Deus relate tudo o que acontecerá depois da sua própria morte. Forçado e com má vontade Deus começa a desfiar um dicionário de mortes a haver, que começa com a letra A e terminando com a letra W:

> Deus suspirou e, no tom monocórdico de quem preferiu adormecer a piedade e a misericórdia, começou a ladainha, por ordem alfabética para evitar melindres de precedências, Adalberto de Praga, morto com um espontão de sete pontas, Adriano, morto à martelada sobre uma bigorna, Afra de Ausburgo, morta na fogueira, Agapito de Preneste, morto na fogueira, pendurado pelos pés, Agrícola de Bolonha, morto crucificado e espetado com cravos, Águeda de Sicilia, morta com os seios cortados, Alfégio de Cantuária, morto a golpes de osso de boi, Anastácio de Salona, morto na forca e decapitado, Anastásia de Sírmio, morta na fogueira e com os seios cortados, Ansano de Sena, morto por arrancamento das vísceras, Antonino de Pamiers, morto por esquartejamento, António de Rivoli, morto à pedrada e queimado, Apolinário de Ravena, morto a golpes de maça, Apolónia de Alexandria, morta na fogueira depois de lhe arrancarem os dentes, Augusta de Treviso, morta por decapitação e queimada, Aura de Óstia, morta por afogamento com uma mó ao pescoço, Áurea de Síria, morta por dessangramento, sentada numa cadeira forrada de cravos, Auta, morta à frechada, Babilas de Antioquia, morto por decapitação, Bárbara de Nicomedia, morta por decapitação, Barnabé de Chipre, morto por lapidação e queimado, Beatriz de Roma, morta por estrangulamento, Benigno de Dijon, morto à lançada, Blandina de Lião, morta a cornadas de um touro bravo, Brás de Sebaste, morto por cardas de ferro, Calisto, morto com uma mó ao pescoço, Cassiano de Ímola, morto pelos seus alunos

> com um estilete, Castulo, morto por enterramento em vida, Catarina de Alexandria, morta por decapitação, Cecília de Roma, morta por degolamento, Cipriano de Cartago, morto por decapitação, Ciro de Tarso, morto, ainda criança, por um juiz que lhe bateu com a cabeça nas escadas do tribunal, Claro de Nantes, morto por decapitação, Claro de Viena, morto por decapitação, Clemente, morto por afogamento com uma âncora ao pescoço, Crispim e Crispiniano de Soissons, mortos por decapitação, Cristina de Bolsano, morta por tudo quanto se possa fazer com mó, roda, tenazes, flechas e serpentes, Cucufate de Barcelona, morto por esventramento, chegando ao fim da letra C, Deus disse, Para diante é tudo igual, ou quase, são já poucas as variações possíveis, excepto as de pormenor, que, pelo refinamento, levariam muito tempo a explicar, fiquemo-nos por aqui, Continua, disse Jesus, e Deus continuou, abreviando no que podia, Donato de Arezzo, decapitado, Elífio de Rampillon, cortaram-lhe a calote craniana, Emérita, queimada, Emílio de Trevi, decapitado, Esmerano de Ratisbona, amarraram-no a uma escada e aí o mataram, Engrácia de Saragoça, decapitada, Erasmo de Gaeta, também chamado Telmo, esticado por um cabrestante, Escubículo, decapitado, Ésquilo da Suécia, lapidado, Estêvão, lapidado, Eufémia da Calcedónia, enterraram-lhe uma espada, Eulália de Mérida, decapitada, Eutrópio de Saintes, cabeça cortada por uma acha-de-armas, Fabião, espada e cardas de ferro, Fé de Agen, degolada, Felicidade e os Sete Filhos, cabeças cortadas à espada, Félix e seu irmão Adaucto, idem, Protásio, gémeos, idem, Então o Diabo disse, **É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue**. (SARAMAGO, 1991, p. 381-385 negrito nosso).

Citamos apenas um trecho do Dicionário de Mortos, mas o autor cita cinco páginas no livro. Passando pela morte dos primeiros cristãos, pelas penitências, pelos monges anacoretas, monges do deserto, pelas clausuras, pelas cruzadas, pela Inquisição. O Pastor fica impressionado com a quantidade de mortos que no futuro morrerão *in nomine Dei* e a partir daí dá-se uma intensa discussão entre Deus e Pastor:

> Observa como há, no que ele tem vindo a contar, duas maneiras de perder-se a vida, uma pelo martírio, outra pela renúncia, não bastava terem de morrer quando lhes chegasse a hora, ainda é preciso que, de uma maneira ou outra, corram ao encontro dela, **crucificados, estripados, degolados, queimados, lapidados, afogados, esquartejados, estrangulados, esfolados, alanceados, escorneados, enterrados, serrados, flechados, amputados, escardeados**, ou então, dentro e fora de celas, capítulos e claustros, castigando-se por terem nascido com o corpo que Deus lhes deu e sem o qual não teriam onde pôr a alma, **tais tormentos não os inventou este Diabo que te fala**. (SARAMAGO, 1991, p.387, negrito nosso)

Pastor/Diabo afirma que não inventou tantas mortes e tantos tormentos e que não é culpado por tal morticínio. Pastor/Diabo entra na barca para num gesto extremo de misericórdia e amor: salvar Jesus da morte cruel e salvar a todos os seres humanos que nasceriam e viveriam sob o signo da cruz da religião que nascia ali, naquele momento, dentro daquela barca. Eis o discurso teológico do Pastor/Diabo:

> Quero hoje fazer bom uso do coração que tenho, aceito e quero que o teu poder se alargue a todos os extremos da terra, sem que tenha de morrer tanta gente, e pois que de tudo aquilo que te desobedece e nega, dizes tu que é fruto do Mal que eu sou e ando a governar no mundo, a minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelos que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência, como nos tempos felizes em que fui um dos teus anjos predilectos, Lúcifer me chamavas, o que a luz levava, antes que uma ambição de ser igual a ti me devorasse a alma e me fizesse rebelar contra a tua autoridade, [...]**Porque se o fizeres, se usares comigo, agora, daquele mesmo perdão que no futuro prometerás tão facilmente à esquerda e à direita, então acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda a parte o Bem governará, e eu cantarei, na última e humilde fila dos anjos que te permaneceram fiéis, mais fiel então do que todos, porque arrependido, eu cantarei os teus louvores, tudo terminará como se não tivesse sido, tudo começará a ser como se dessa maneira devesse ser sempre,** (SARAMAGO, p. 392, negrito nosso).

Pastor/Lúcifer é o grande protagonista, herói e o grande salvador deste evangelho não tão profano assim. Ele entra na barca para salvar Jesus e os futuros cristãos da morte. Se ele é a origem de todo o mal havido e a haver, pedindo perdão, transforma-se no salvador de todos os humanos, inclusive de Jesus. Ressaltamos que o que leva Pastor Lúcifer a esse ato supremo de bondade e humilde é ter escutado Deus relatar o Dicionário de Mortos. Observemos que o Pastor/Lúcifer se transforma no salvador do salvador, enquanto Jesus é um frágil humano, cobaia de Deus, que só queria viver e morrer como um mero humano. Pastor aguarda resposta e Deus lhe responde:

> **Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora**, Por que, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não

> vive como Diabo, Deus não vive como Deus, **a morte de um seria a morte do outro,** (SARAMAGO, p. 392, negrito nosso)

Se Lúcifer/Pastor fosse perdoado o cristianismo morreria ali, seria abortado na barca. Não haveria Dicionário de Mortos nem Jesus padeceria cruelmente na cruz. Mas YHVH não aceita o perdão de Pastor, decretando dessa forma a morte de seu filho e de milhares de humanos da religião que nasce com cheiro de sangue. No Evangelho de Saramago não existe a tentação de Jesus no deserto tal como relatam os evangelistas. No *ESJC*[8] não aparecem as ingênuas tentações relatadas por Lucas, 4 (pedras a serem transformadas em pão, prostração em troca dos reinos do mundo e jogar-se do Pináculo do Templo para ser salvo pelos anjos). A tentação que o Diabo oferece a Deus no evangelho profano de Saramago é muito maior do que isso, porque implica alterar a natureza da Teodiceia, da justiça de Deus. Ele tenta Deus a não permitir a morte do seu filho e de milhões de seres humanos. Diante da negativa peremptória de YHVH o Diabo afirma: *Que não se diga que o Diabo não tentou um dia a Deus,* (SARAMAGO, 1991, p. 393).

Antes de sair pede que Jesus lhe entregue uma coisa que pertence a ele Pastor: a tigela negra de Nazaré. Jesus articula um plano para frustrar os planos de Deus. Tenta morrer como um revolucionário, rei dos Judeus, e não como o filho de Deus. Jesus está morrendo contente na cruz, como um grande revolucionário, quando YHVH dá a última cartada: *Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência.* (SARAMAGO,1991, p. 444).

A frase que nos evangelhos é dita por Deus no momento do batismo de Jesus por João Batista é deslocada no *ESJC* para o momento final da cena do momento da crucificação. Jesus em desespero pronuncia*: Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez*. (SARAMAGO, p. 444). A frase dita por Jesus e que aparece no *Evangelho de Lucas* é: **Pai**, **perdoa**-*lh*es, **eles não sabem o que fazem.** No *ESJC*, a primeira palavra é trocada: em vez de *pai* temos *homens*, ou seja, Jesus pede que os homens perdoem YHVH. Jesus morre e não vê que seu sangue gotejava e caía dentro de uma tigela negra no chão. Ali começava a história do cristianismo: o sangue de Jesus seria a marca da religião do sangue a qual o Pastor com seu pedido cristão de perdão tentara abortar.

Corrobora a ideia central do *ESJC* o livro *Drunk With Blood God's killings in the Bible*, de Steve Wells. A tradução para o português seria mais ou menos isto: *Embriagados com sangue: assassinatos de Deus na Bíblia*.

O autor procura responder a seguinte pergunta: Quantas pessoas Deus matou? E ele chega ao assustador número 2.552.452.

[8] Todas as citações referem-se ao livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* editado pela Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

Números da carnificina bíblica[9]

	Evento	Referência bíblica	nº bíblico	estimativa
1	Dilúvio de Noé	Gênesis 7:23	-	20 milhões
2	Guerra de Abraão	Gênesis 14:17-19	-	1.000
3	Sodoma e Gomorra	Gênesis 19:24	-	2.000
4	Mulher de Ló	Gênesis 19:26	1	1
5	História de Diná	Gênesis 34:1-31	2	1.000
6	Senhor não gostou de Er	Gênesis 38:7	1	1
7	Onã é morto por ter se masturbado	Gênesis 38:10	1	1
8	Fome mundial	Gênesis 41:25-54	-	70.000
9	Sétima Praga do Egito	Êxodo 9:25	-	300.000
10	Assassinato das crianças primogênitas do Egito	Êxodo 12: 29-30	-	500.000
11	Deus afoga o exército egípcio	Êxodo 14:18-26	600	5.000
12	Morte de Amaleque e seu povo	Êxodo 17:13	-	1.000
13	Matança de irmãos, amigos e vizinhos	Êxodo 32:27-28	3.000	3.000
14	Deus ficou bravo por causa do bezerro de Arão	Êxodo 32:35	-	1.000
15	Filhos de Arão são mortos por queimadura	Levítico 10:1-3	2	2
16	Blasfemador é apedrejado até a morte	Levítico 24:10-13	1	1
17	Deus queimou queixosos	Números 11:1	-	100
18	Deus ficou furioso com quem reclamava da comida	Números 11:33	-	10.000
19	Pessoas são mortas por causa de sua reputação	Números 14:35-36	10	110
20	Homem foi morto porque colhia lenha no sábado	Números 15:32-35	1	1
21	Desafetos são enterrados vivos	Números 16:27	3	9
22	Senhor queima pessoas que ofereciam incenso	Números 16:35	250	250
23	Mortos por reclamar dos assassinatos de Deus	Números 16:49	14.700	14.700
24	Massacre de cananeus	Números 21:1-3	-	3.000
25	Deus mandou cobras para matar queixosos	Números 21:6	-	100
26	Assassinatos para acabar com mortes de praga divina	Números 25:1-11	24.002	24.002

[9] http://www.paulopes.com.br/2013/01/estudioso-soma-as-mortes-relatadas-na-biblia.html#.Uq8ARtJDvw0 consultado em 16/12/2013.

27	Massacre de midianitas	Números 31:1-35	6	200.000
28	Deus mata exército israelita	Dt 2:14-16	-	500.000
29	Deus mata povo de gigantes	Dt 2:21-22	-	5.000
30	Deus induz o rei Sion a uma matança básica	Dt 2:33-34	1	3.000
31	Deus mata povo do rei Ogue	Dt 3:3-6	-	60.000
32	Massacre de Jericó	Josué 6:21	-	1.000
33	Acã e família são apedrejados e queimados	Josué 7:10-12 Josué 7:24-26	1	5
34	Massacre do povo de Ai	Josué 8:1-25	12.000	12.000
35	Deus detém o Sol para que Josué matasse durante o dia	Josué10:10-11	-	5.000
36	Assassinato de 5 reis e de seu povo	Josué 10:26	5	10.000
37	A mando de Deus, Josué mata tudo que respira	Josué 10:28-42	7	7.000
38	Massacre de pessoas de 20 cidades	Josué 11:8-12	2	20.000
39	Matança sem piedade de mais gigantes	Josué 11:20-21	-	5.000
40	Deus entrega cananeus e perizeus para matança	Juízes 1:4	10.000	10.000
41	Massacre de Jerusalém	Juízes 1:8	-	1.000
42	Mais cinco massacres	Juízes 1:9-25	-	5.000
43	Episódio envolvendo Cusã-Risataim	Juízes 3:7-10	1	1.000
44	Eúde mata o rei Eglom, um 'homem muito gordo'	Juízes 3:15-22	1	1
45	Massacre de moabitas	Juízes 3:28-29	10.000	10.000
46	Sangramento de filisteus	Juízes 3:21	600	600
47	Massacre de cananeus	Juízes 4:15-16	-	1.000
48	Jael esmaga crânio de um homem adormecido	Juízes 4:18-22	1	1
49	Deus promove uma carnificina	Juízes 7:22	120.000	120.000
50	Um maus espírito de Deus causa massacre	Juízes 9:23-57	1.001	2.000
55	Sansão mata 1.000 homens	Juízes 15:14-15	1.000	1.000
56	Sansão mata mais 3.000	Juízes 16:27-30	3.000	3.000
57	Guerra Civil Santa	Juízes 20:35-37	65.100	65.100
58	Dois genocídios	Juízes 21:10-14	-	4.000
59	Deus mata os filhos de Eli e 34 mil soldados israelitas	1 Sm 2:25 1Sm 4:11	34.002	34.002
60	Vítimas de Deus são castigadas com hemorroidas	1 Sm 5:1-12	-	3.000
61	Foram mortos porque olharam dentro da arca do Senhor	1Sm 6:19	50.070	50.070
62	Deus ficou bravo como um trovão	1 Sm 7:10-11	-	1.000

	com filisteus			
63	Massacre de amonitas	1 Sm 11:6-13	-	1.000
64	Jônatas em ação	1 Sm 14:12-14	20	20
65	Deus força os filisteus a se matarem	1 Sm 14:20	-	1.000
66	Genocídio amalequita	1 Sm 15:2-3	-	10.000
67	Samuel despedaçou a Agague perante o Senhor	1 Sm 15:32-33	1	1
68	Davi ou El-Hanã mata Golias	1 Sm 17::51 2 Sm 21:19	1	1
69	Davi mata 200 filisteus	1 Sm 18:27	200	200
70	"O Senhor disse a Davi: Vai, e ferirás aos filisteus"	1 Sm 23:2-5	-	10.000
71	Deus mata Nabal	1 Sm 25:38	1	1
72	Davi comete genocídios	1 Sm 27:8-11	-	60.000
73	Prossegue a matança de Davi	1 Sm 30:17	-	1.000
74	Deus mata Saul, seus filhos e homens porque não quiserem liquidar os amalaquitas	1 Sm 31:2 1Crônicas 10:6	4	100
75	Davi mata o mensageiro	2 Sm 1:15	1	1
76	Davi mata Recabe e Baaná, e corta-lhes as mãos e os pés	2 Sm 4:12	2	2
77	Davi mata filisteus com a ajuda de Deus	2 Sm 5:19-25	-	2.000
78	Deus mata Uzá por ser imprudente com a arca Dele	2 Sm 6:6-7 1 Crônicas 13:9-10	1	1
79	Davi matou moabitas que eram prisioneiros de guerra	2 Sm 8:2	-	667
80	Senhor dá vitória a Davi onde quer que vá	2 Sm 8:5 2 Sm 10:18	65.850	66.850
81	Davi mata todos os varões de Edom	2 Sm 8:13 1Reis 11:15-16 1 Crônicas 18:12 Salmos 60:1	15.000	65.000
82	Davi mata filhos e familiares de Amom	2 Sm 11:1 1 Crônicas 20:1	-	1.000
83	Deus mata lentamente um bebê	2 Sm 12:14-18	1	1
84	Sete filhos de Saul são pendurados diante do Senhor, e a praga da fome mata mais	2 Sm 21:1-9	7	3.000
85	Matança promovida por soldados de Davi	2 Sm 23 1 Crônicas 11	1.403	3.400
86	Deus manda uma peste para Israel	2 Sm 24:15 1 Crônicas 21:14	70.000	200.000
87	Deus realiza desejo de Davi, e Joabe e Simei são mortos	1 Reis 2:29-34 1 Reis 2:44-46	2	2

88	Morte de um profeta	1 Reis 13:11-24	1	1
89	Deus mata filho de Jeroboão	1 Reis 14:17	1	1
90	Ordem do Senhor: assassinato da família de Jeroboão	1 Reis 15:29	-	10
91	Assassinatos de todos da casa de Baasa, incluindo parentes e amigos	1 Reis 16:11-12	-	20
92	Morte de Zinri	1 Reis 16:18-19	1	1
93	Seca de Elias	1 Reis 17:1 Lucas 4:25 Tiago 5:17-18	-	3.000
94	Elias mata 450 religiosos em um concurso de oração	1 Reis 18:22-40	450	450
95	Matança de sírios	1 Reis 20:20-21	-	10.000
96	100 mil sírios são mortos porque alguém deles falou que Deus é dos montes, e não do vale	1 Reis 20:28-29	100.000	10.000
97	Deus mata mais sírios	1 Reis 20:30	27.000	27.000
98	Deus manda um leão atacar um desobediente	1 Reis 20:35-36	1	1
99	Deus mata Acabe no lugar de um rei capturado	1 Reis 20:42	1	1
100	Deus queima 102 homens até a morte para forçar Elias a descer da colina	2 Reis 1:10-11-12	102	102
101	Rei Acazias é morto por ter feito pedido ao deus errado	2 Reis 1:16-17	1	1
102	Deus mandou duas ursas matar 42 crianças que estavam se divertindo com a careca de um profeta	2 Reis 2:24	42	42
103	Deus entregou os moabitas para a morte	2 Reis 3:18-25	-	5.000
104	Cético é pisoteado até a morte	2 Reis 7:2-20	1	1
105	Mais uma praga de 7 anos de fome	2 Reis 8:1	-	7.000
106	Jorão é morto com uma flexa	2 Reis 9:24	1	1
107	Jezebel	2 Reis 9:33-37	1	1
108	Os 70 filhos de Acabe são assassinados	2 Reis 10:6-10	70	70
109	Assassinatos de integrantes da família de Acabe, incluindo seus amigos e sacerdotes	2 Reis 10:11	20	20
110	Jeú mata a família de Acazias	2 Crônicas 22:7-9	42	42
111	Jeú mata o que sobrou da família Acabe	2 Reis 10:17	-	20
112	Jeú reúne os seguidores de Baal e os mata	2 Reis 10:18-25	-	1.000

113	Matã, sacerdote de Baal, e Atalia são assassinados	2 Reis 11:17-20	2	2
114	Deus envia leões para comer aqueles que o não temem	2 Reis 17:25-26	-	10
115	Um anjo mata soldados que estavam dormindo	2 Reis 19:35 Isaías 37:36	185.000	185.000
116	Deus fez com que Senaqueribe fosse morto por seus filhos	2 Reis 19:37	1	1
117	Josias matou todos os sacerdotes dos altos	2 Reis 23:20	-	100
118	Guerra Santa	1 Crônicas 5:18-22	-	50.000
119	Carnificina em nome de Deus	2 Crônicas 13:17-18	500.000	500.000
120	Morte de Jeroboão	2 Crônicas 13:20	1	1
121	Deus atendeu a pedido e matou etíopes	2 Crônicas 14:9-14	1.000.000	1.000.000
122	Deus fustiga uns contra outros na multidão	2 Crônicas 20:22-25	-	30.000
123	Jeorão se dá mal com Deus	2 Crônicas 21:14-19	1	1
124	Deus mata os filhos Jeorão	2 Crônicas 22:1	-	3
125	Morte de Acazias (de Judá)	2 Crônicas 22:7-9	1	1
126	Ira divina atinge exército de Judá	2 Crônicas 24:20-25	1	10.000
127	Deus acaba com Amazias	2 Crônicas 25:15-27	1	1.000
128	Deus entrega o rei Acaz a seus inimigos	2 Crônicas 28:1-5	-	10.000
129	Peca mata em nome de Deus	2 Crônicas 28:6	120.000	120.000
130	Queda de Jerusalém	2 Crônicas 36:16-17	-	10.000
131		Ester 2	75.813	75.813
132	Desabamento de casa	Jó 1:18-19	10	60
133	Morte de Hananias por rebeldia	Jeremias 28:16	1	1
134	Morte de mulher de Ezequiel	Ez 24:15-18	1	1
135	Judite corta a cabeça de um homem adormecido	Judite 13:6-10	1	1
136	Massacre	Judite 15:1-6	-	1.000
137	Morte de Annanias e Safira	Atos 5:1-10	2	2
138	Herodes	Atos 12:23	1	1
139	Jesus	1 Pedro 1:18-20	1	1
			2.552.452	**24.712.019**

O autor afirma que Satanás só matou 10 pessoas e ainda assim a mando de Deus: sete filhos e três filhas do pobre e miserável Ló.

Já no livro *Todos os nomes*, Saramago nos mostra que nem na morte somos iguais, as diferenças sociais estão marcadamente definidas nos cemitérios: os mais caros, os mais enfeitados, os mais visitados. O autor cria um pastor de ovelhas que trocas as plaquinhas dos túmulos antes que sejam colocadas as lápides definitivas. Assim, os túmulos que não são visitados receberiam visitas e os mortos que não são chorados receberiam lágrimas. A grandeza estaria em chorar por aquele que não conhecemos.

Já em *Intermitências da Morte* do mesmo autor a morte entra em greve. O livro começa com a seguinte frase: *No dia seguinte ninguém morreu.* (SARAMAGO, 2005, p. 11). O que ocorre é o repto da imortalidade, já que a velha Átropos resolve embainhar a tesoura. Os políticos interrogam as autoridades da Igreja pedindo que as mesmas façam alguma coisa para que a morte volte, porque sem a morte não há a Igreja. O primeiro ministro insiste junto ao Cardeal que as pessoas precisam morrer para a realização do reino de Deus. Há mais perguntas do que respostas no romance: *As religiões, todas elas, por mais voltas que lhes dermos, não têm outra justificação para existir que não seja a morte, precisam dela como do pão para a boca* (SARAMAGO, 2005, p. 36).

O que esse romance questiona é o que seria do mundo se as pessoas parassem de morrer. Mas principalmente o que ecoa do início ao fim do romance é a seguinte pergunta: haveria religião se fossemos imortais? Quem matou mais: a morte sozinha ou os homens?

Poderíamos ainda passar pelo sucesso da Literatura Vampiresca, que vai de Bram Stoker, com o seu *Drácula* (1897), passando por Anne Rice, com *Entrevista com o Vampiro* (1976) e chega ao mega sucesso da saga *Crepúsculo* (2005) de Stephenie Meyer e tudo mais que o nosso vão pescoço possa imaginar... Essa literatura faz sucesso porque está baseada em dois caninos temáticos: juventude e imortalidade. Os vampiros são jovens belos e eternos. O vampiro funciona como uma espécie de *Cristo negro,* que realiza um batismo profano de sangue. O vampiro oferece a vida e a beleza eterna aqui e agora, ao contrario do cristianismo que oferece uma vida eterna no futuro, depois de muito sofrimento.

Por outro lado a Literatura Infanto-juvenil é toda ela permeada fortemente pela temática da morte, mas isso daria por si só outro artigo. Mas não poderíamos deixar de citar *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen (1805-1875). Ali uma pequena menina morre nas vésperas de Ano Novo, época das festas natalinas, tentando vender fósforos. Ninguém se apieda, comemoram o nascimento da pequena criança de Belém, enquanto uma menina morre congelada no meio da neve. É a morte cruel, sem assistência diante de pessoas que comemoram o espírito natalino, que na realidade não existe.

Figura 23 - A pequena vendedora de fósforos. Disponível em http://blog.pucp.edu.pe/media/1592/20080914-Little_Match_Girl_Color_by_Bluepen.jpg. Acesso em 14/04/2014.

Qual seria então a maneira de um ser humano vencer a morte? É a narradora Sherazade que nos responde em *As mil e uma noites*, histórias fantásticas de origem persa. Durante mil e uma noites ela narrou histórias preservando seu final para a próxima noite e assim o sultão Shariar não a matou e acabou se apaixonando por ela. Sherazade só consegue sobreviver através da literatura.

Nós só nos tornaremos imortais, venceremos a morte por meio da literatura. Só assim nos livraremos da sentença que pesa sobre a nossa cabeça: *Memento, homo, quía pulvis es et in pulverem reverteris*.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSEN, Hans Christian. **A vendedora de fósforos**. São Paulo: Loyola. s/d.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASSIS MACHADO, Joaquim Maria de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf. Consultado em 16/12/2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLIN, Sueli. **Morreu de morte matada ou de morte morrida?** http://mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Texto7

Imagens Post mortem: http://curiosidadesnanet.com/2011/03/fotografias-pos-morte/#.UqrtMdJDvw0

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu**. Blumenau: Edifurb, 2012.

GIBSON, Mel. **A paixão de Cristo**. Direção de Mel Gisbon, EUA, 2004.

HAGHENBECK, Francisco. **O Segredo de Frida Kahlo.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

JAMIS, Rauda. **Frida Kahlo.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LEÑERO, Carmen. **Frida Kahlo**. São Paulo: Callis Editora, 2004.

LOPES, Adriana Dias. **A ética na vida e na morte**. In: revista Veja. Editora Abril, Ed. 2016 – ano 43 – n. 17, 28 de abril de 2010.

LOPES, Adriana Dias; CUMINALI, Natalia. **O direito de escolher**. In: Revista Veja. Editora Abril, Ed. 2286 – ano 45 – n. 37, 12 de setembro de 2012.

MAGALHÃES, Bernardo. **Imagens morte** In: Revista Coyote.

MARTINS José de Souza**. Tesouro Paulistano**. São Paulo: Estado de São Paulo, 28 de Outubro de 2006.

MIL E UMA NOITES – SHERAZADE. São Paulo: Globo Livros, 2012.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PESSOA, Carlos Alberto. **Ensaio sobre a morte Mortalis**. São Paulo: Livro Aberto, 1997.

PONTES, Felipe. **Ajuda-me a morrer**. In. Revista Época, Editora Globo. n. 736, 25 de junho de 2012.

QUEIROZ, Júlio de. **Iluminando o morrer**. Florianópolis: Insular, 2007.

_____. **Morrer para principiantes e repetentes**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

REVISTA VEJA. http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/vaticano-condena-culto-mexicano-a-santa-morte consultado em 13/12/2013.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TIBEL, Raquel. **Frida Kahlo en su luz más íntima**. Nova Iorque: A Plume Book, 2002.

VOMERO, Maria Fernanda. **Morte**. In. Revista Super Interessante. Editora Abril, Ed. 173, Fevereiro de 2002.

WELLS, Steve. **Drunk With Blood God's killings in the Bible.** EUA: SAB Books, 2013.